

HÉRCULES

Erik Giuseppe Barbosa Pereira¹

Rafael Marques Garcia²

Introdução

Inspirado na história mítica do grego Herácles, mais conhecido pelo seu nome romano e título do filme, Hércules é uma animação de fantasia musical norte-americana que conta a história do filho de Zeus e Hera e sua trajetória em busca do título de herói para poder retornar ao lar dos deuses de onde foi tirado quando criança.

Dirigido por Ron Clements e John Musker, a trama é o trigésimo-quinto longa de animação de Walt Disney Animation Studios ambientada na Grécia Antiga, cenário construído pela produção da obra após inúmeras viagens de pesquisa à Grécia e à Turquia.

Por seu caráter de animação, a obra destina-se ao público infantil, mas ganha notoriedade quando consolida modelos de corpos masculinos e femininos através de concepções já naturalizadas de gênero e suas performances e características corporais.

Sabendo que corpo e gênero, bem como suas normas e atribuições, são consolidados e disseminados através de instâncias sociais, dentre as quais cita-se a família, religião, escola, política, comunidade, entre outros (BUTLER, 2015), o cinema se apresenta como uma das principais ferramentas de propagação de variados conteúdos ao público para qual se destina.

A concepção de gênero aqui presente encontra guarida em Louro (2010), que a classifica como uma das primeiras construções das diferenças sexuais que atua de forma hierarquizante e (re)produtora das relações de poder entre homens e mulheres (LOURO, 2010), onde podemos estabelecer uma relação com a representação dos corpos nas diversas esferas sociais.

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da EEFD da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: egiuseppe@eefd.ufrj.br.

2 Mestrando em do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da EEFD da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rafa.mgarcia@hotmail.com.

Nesta contextualização, o filme *Hércules*, destinado ao público infantil, veicula mensagens fascinantes aos seus destinatários que, em suma, consolidam modelos legítimos e aceitáveis de corpo em detrimento de outros (LE BRETON, 2011), podendo atuar intrinsecamente na formação/atuação das crianças desde cedo e nos mais variados espaços. A seguir, apresenta-se uma resenha do filme destacando as principais mensagens que são enunciadas pelas imagens, discursos e interpretações das personagens.

Em foco

O filme pode ser dividido em três partes distintas e com mensagens muito bem demarcadas e interconectadas, que abordam a notoriedade, o reconhecimento e a atuação de Hércules ao longo da narrativa.

Na primeira, inicia-se com uma narração que permeia o enredo todo da história: o que seria necessário para tornar-se um herói? A fala é tomada adiante pelas musas, reconhecidas como deusas das artes e proclamadoras de heróis, e enquanto cantam a trajetória dos titãs, disseminadores do caos e terror, revelam-se repletas de qualidades tidas como femininas: delicadas, sensíveis e graciosas (BOURDIEU, 2010). Desfilam em movimentos ritmados e repletos de sensualidade em sua gesticulação, sendo ainda representadas com vestidos decotados que enaltecem seus contornos físicos, dentre eles os seios e as pernas bem delineadas. A aparição de Zeus como aniquilador dos titãs enaltece justamente o oposto: o corpo da cintura para cima, bem torneado e repleto de músculos sobressalentes, além de feição íntegra e ameaçadora. Já de início podemos perceber que a retratação de homens e mulheres se dá de maneiras diferentes, permitindo aos primeiros a maior liberdade do pudor e a consolidação de aspectos masculinizantes, tais como força, virilidade e coragem, restando às segundas a contraversão destas características, portanto, delicadeza, graciosidade, elegância e apelo estético sensual do corpo (BOURDIEU, 2010

Filho de Zeus e Hera, Hércules logo desperta a fúria de Hades, o vilão da trama, simplesmente pelo fato dele ameaçar seus planos em tomar o Monte Olimpo de Zeus conforme previsto pelas Parcas. Hades então orchestra um plano para

aniquilar a vida do pequeno Hércules, no entanto, seus servos desajeitados, ao raptarem o menino, embananam-se e apenas conseguem tornar o garoto mortal ao fazê-lo ingerir parte de uma poção. Assim, Hércules, embora mortal, mantém a força de um deus e é encontrado por um casal que há muito pedia aos deuses o envio de um filho.

Na segunda fase da trama, inclina-se o olhar ao jovem franzino, desajeitado e odiado que Hércules se tornara ao crescer com sua família adotiva no campo. Na cena em que o protagonista destrói o mercado da cidade acidentalmente, os habitantes de seu vilarejo perdem a paciência com as trapalhadas do garoto, atribuindo-lhe adjetivos desqualificadores, tais como “ameaça”, “perigoso”, “aberração”. Por apresentar-se dissonante da norma, Hércules sofre processos recriminatórios que desqualificam e invalidam sua presença, sobretudo existência (BUTLER, 1993). Então, o rapaz busca romper com os paradigmas que lhe recaem acerca de seu corpo. Para Butler (2015), por estar situado em um espaço e em um determinado tempo, ele reivindica para si um lugar nesse meio num processo de busca preferencialmente que o reconheça como integrante daquela sociedade. Por ser homem, deveria, portanto, adotar e/ou emanar uma masculinidade preponderante (BOURDIEU, 2010), adotada através da repetição de gestos, atos e simbologias que identifiquem e sobretudo reconheçam-no como masculino (BUTLER, 2015).

Após suas reflexões, os pais adotivos do garoto sentem-se pressionados e contam-lhe como ele foi encontrado. Em busca de respostas, Hércules vai ao templo de Zeus, onde a estátua da divindade toma vida e conta-lhe sobre seu rapto e como ele deveria proceder para retornar para o Monte Olimpio. Ao partir em busca de sua transformação, está ciente de que seu processo de heroização tornaria sua vida bem melhor. Treinado pelo sátiro Filoctetes, o protagonista é muito desajeitado, não sabe manipular instrumentos de luta, não possui mira, tampouco concentração e por vezes destrói a boneca que serve como donzela indefesa e que precisa ser resgatada. Essa ideia de que exista uma “donzela indefesa” a ser salva é muito explícita no filme, o que remete às mulheres uma série de qualificações hierarquizadas e generificadas (BOURDIEU, 2010): são mais fracas, indefesas, dóceis, belas, graciosas e necessitam de um homem

valente e aguerrido que as salve.

Após o processo de treinamento de Hércules, este vai enfim à cidade de Tebas para solucionar casos reais, demarcando o final da segunda parte e início da terceira.

Nesta sessão do filme, ele já se encontra forte, apresentando músculos bem contornados e próprios de um homem masculinizado. Através da representação simbólica do corpo, percebemos no uso dele a produção das qualidades próprias do homem num processo de reconhecimento identitário (BUTLER, 2015), próximo do conceito de capital aparência apresentado por Le Breton (2011), do reconhecimento através do olhar sob corpos que se esforçaram em prol de determinado rendimento, sobretudo reconhecimento (idem).

No caminho para a cidade, Hércules tem sua primeira experiência como herói ao resgatar Mégara, que virá a ser sua paixão platônica. A partir daí, para comprovar seu status de herói, ele derrota inúmeros monstros através da exacerbação de sua força e da pancadaria, tornando-se a sensação da cidade. O protagonista se torna herói por aclamação, passando a ter produtos em seu nome, fãs enlouquecidas e assediadoras e dinheiro, transfigurando-se assim num ícone reconhecido pela sua força e beleza físicas. Em se tratando de um filme proposto ao público infantil, as cenas de assédio que Hércules sofre denotam aos meninos o corpo enquanto capital de consumo (GOLDENBERG, 2011), enquanto que para as meninas, a ideia veiculada é a atração pelo status e o desejo sexual por um corpo másculo, forte e exuberantemente belo. Essa mensagem transparece uma ideia normativa, hierarquizante e escultural do corpo: ser homem ou ser mulher deve seguir uma lógica congruente entre gênero, sexo e desejo (BUTLER, 2015).

No processo de heroizar Hércules, é necessário que ele (com)prove seu lugar no espaço através do uso da força, da brutalidade e da imposição de sua identidade perante os demais, demarcando assim territórios que são regidos por masculinidades e que atuam como políticas hierarquizantes entre si (BOURDIEU, 2010). Também, existe um culto a um modelo de corpo hegemônico que nos remete a ideia de que o sucesso e a ascensão de uma pessoa estão intimamente ligados ao que daí emana: Hércules, outrora sobrepujado quando franzino, agora é vangloriado e exaltado pelo porte atlético que lhe confere vitórias e

o manto de uma tão desejada masculinidade hegemônica. À luz de Le Breton (2011), o corpo enquanto aparência física atua como objeto central das relações sociais, no entanto

A preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem-estar que leva o ator a correr ou a se desgastar, a velar pela alimentação ou a saúde, em nada modifica, no entanto, a ocultação do corpo que reina na sociabilidade. A ocultação do corpo continua presente e encontra o melhor ponto de análise no destino dados aos velhos, aos moribundos, aos deficientes ou no medo que todos temos de envelhecer (idem, p. 87).

A partir do exposto acima, faz-se importante conscientizar os atores sociais acríticos que aceitam tal designação e aprofundam-se nas transformações físicas regidas por normas e modelos válidos e aceitáveis, uma vez que a ideia de “corpo perfeito e remetente ao sucesso” veiculada de forma coadjuvante pelo filme apresenta uma ideia supérflua e limitada (LE BRETON, 2011), no entanto muito tentadora para jovens e crianças em formação.

Ao final do filme, Hércules opta por permanecer no mundo dos mortais junto de sua donzela Mégara, invalidando a linearidade da narrativa que propõe a conquista do título de herói para retornar ao mundo dos deuses e que, quando conquistado, mostra-se irrelevante.

Considerações finais

No filme, temos territórios bem demarcados no que tange ao uso dos corpos e as relações de gênero: os homens, principalmente Zeus e Hércules, são fortes, robustos, viris, enquanto que as mulheres são delicadas, encantadoras, fracas, dóceis e indefesas. O corpo enquanto capital simbólico é muito enaltecido, principalmente no que lhe confere reconhecimento e aceitação social, haja vista a trajetória do protagonista em seu processo de *heroização*.

Por fim, convém robustecer o diálogo contínuo entre gênero e corpos hegemônicos caracterizados na narrativa, que propaga (re)conhecimento e competências diferentes para homens e mulheres, distinguindo-os em atividades, desempenho e idoneidade.

É muito importante atentar-se às articulações da indústria cinematográfica ao

propor às crianças modelos normatizados, uma vez que corrobora consubstancialmente com os papéis, normas e desigualdades de gênero e capital do corpo tão amplamente disseminados e reproduzidos nas sociedades contemporâneas.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 160 p.

BUTLER, J. **Bodies that matter: On the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 1993.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, editora Civilização Brasileira. Col. Sujeito & História, 8.ed. 2015. 288 p.

GOLDENBERG, M. **Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira**. Saúde e Sociedade. Vol 20, n. 3, 2011, p. 543-553.

LE BRETON, D. **Sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (orgs). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.

Filmografia

HÉRCULES. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 1997. 82 minutos, som, cor, dublado, livre.

Recebido em agosto de 2017

Aceito para publicação para em maio de 2018